



## Apresentação

Chegamos ao primeiro número da **Revista Cadernos de Gênero e Diversidade** do ano de 2017<sup>1</sup>. Estamos muito honradas em termos construído esse canal de divulgação científica feminista e *queer* que abre espaço para as múltiplas formas de produção de conhecimento em diferentes níveis, bem como valoriza a pluralidade de abordagens nos textos publicados. É nossa preocupação dar destaque e visibilidade para as produções de grupos subalternizados e tradicionalmente excluídos dos campos hegemônicos do saber. Não tem sido fácil, mas crescemos com os aprendizados que a prática editorial nos proporciona.

Em 2017, temos três novidades. A primeira é que, mais uma vez, alteramos a periodicidade da revista, de semestral para quadrimestral. Com isso, nos posicionamos aberta e publicamente em um projeto editorial que se quer competitivo e de impacto em diferentes campos das Humanidades e outras áreas do conhecimento, recorrendo à interdisciplinaridade como alternativa de enfrentamento aos problemas contemporâneos. Outra novidade é o projeto editorial, que visa facilitar a leitura e tornar o texto mais atrativo. Esperamos que gostem dessa “nova cara” da revista. Por fim, fomos surpreendidas com a notícia de nossa avaliação por três comitês da CAPES/Qualis. Em nosso terceiro ano de existência, consideramos uma vitória o conceito B4 nos comitês de Antropologia e Sociologia. Nos posicionamos como decoloniais, ou seja, valorizamos o conhecimento e diálogo local e contextualizado e essa posição por vezes se choca com critérios de qualidade tidos como universais. Entretanto, acreditamos no poder da mudança e do trabalho coletivo e, se conseguimos essa avaliação, foi por conta da adesão de dezenas de parceiras que colaboraram com o periódico como leitoras, autoras, avaliadoras e integrantes da equipe editorial.

A imagem da capa é da artista Karina Felipe Amaral, de Belo Horizonte, que nos brindou com uma fotografia de uma de suas gravuras em metal. O tema da gravura são os espíritos da floresta, os *Apapaatai*, que conheceu durante uma disciplina de etnologia indígena que abordou os mitos e o mundo xamânico. Esses seres, que dão nome à obra, curam, protegem e roubam as almas. Nesse encontro entre arte e antropologia, segundo a artista, surgiram desenhos monocromáticos e gravuras em metal de seres humanos e não humanos em meio à complexidade da floresta, com “*emaranhados de cipós, flores, membros e rostos de*

---

1 O sumário do presente número foi alterado por decisão judicial em 02/08/2017.



*mulheres, se misturando com a heterogeneidade da vegetação lembrando os espíritos que são meio porcos, aves, macacos, ou a mulher (como eu) que vive nas matas*”. Convidamos nossas leitoras a refletirem sobre a imagem, produzindo novas interpretações sobre os afetos que evoca.

Nesse número, contamos com três seções: *Artigos, Entrevistas e Ensaios*. Dentre os artigos, Adilson Lucio da Silva Filho, no texto *Adoção Homoparental, um direito omitido, reivindicado por famílias invisíveis*, exerce a interdisciplinaridade entre as áreas do Direito e da Psicologia para compreender os processos de adoção por famílias homoparentais. O autor conclui com um chamamento político à necessidade de ampliarmos a visão de família em nossa sociedade com vistas a garantir o direito de todas e todos, inclusive crianças e adolescentes institucionalizados, a pertencerem a uma família.

Mônica de Melo Medeiros e Francisco dos Santos Neto, ambos graduandos em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (UFPA), questionam qual o papel do assistente social no enfrentamento da LGBTfobia na educação formal no texto *Serviço Social e Movimento LGBT: promoção à cidadania de crianças e adolescentes no combate à violência de gênero nas escolas*. Preocupados com a situação de vulnerabilidade a que são submetidas lésbicas, gays, bissexuais e pessoas trans\* procuram justificar a necessidade do diálogo entre teoria e prática para a construção de políticas públicas que visem combater a violência contra sujeitos que, segundo eles, estão submetidos a um sistema de opressão, marginalização e patologização.

A equipe do Centro de Estudos Psicológicos (CEP-RUA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), composta pelos estudantes Leonardo das Neves Leal, Graziela Silva Rodrigues, Isadora Deamici da Silveira e Tainá Valente Amaro e pelas docentes Daniela Barsotti Santos e Simone dos Santos Paludo, assina o texto *CEP em Selfie: abordando sexting com adolescentes como forma de exposição virtual da sexualidade*. No artigo, as autoras analisam ações de extensão realizadas com jovens sobre a prática de divulgação de conteúdo sexual e pessoal possibilitada pelo acesso aos aparelhos de celular com câmeras e aplicativos de comunicação. As autoras apontam que o trabalho sobre sexualidade e novas tecnologias com jovens é desafiador e merece especial atenção, uma vez que esses “nativos digitais” devem compreender a sexualidade como algo positivo e prazeroso.



No texto *A Posição da Escrita Feminina no Cânone Literário Brasileiro: analisando Uma História da Poesia Brasileira de Alexei Bueno*, Eduardo de Souza Saraiva afirma a existência de uma problemática na construção do cânone literário brasileiro, particularmente na forma como as mulheres são invisibilizadas. Segundo o autor, a inclusão das mulheres no cânone ainda é tímida e demonstra “nítida relutância” em posicioná-las na historiografia da literatura brasileira.

As educadoras Lana Claudia Macedo da Silva e Ana Daniele Mendes Carrera investigam as ações educativas executadas pelo Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência do município de Ananindeua/Pará e refletem sobre qual o papel exercido pelos profissionais de pedagogia no combate à violência contra a mulher no Brasil. No texto, *Em Briga de Marido e Mulher a Educação Mete a Colher: a Atuação do Profissional de Pedagogia no Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência*, pode-se observar que a educação tem lugar central na percepção da mulher sobre o ciclo da violência, sendo útil também na formação cidadã de todos os envolvidos no processo, como os filhos e o agressor.

No último texto dessa seção, Mariângela Nascimento ressalta a agência da mulher migrante, refutando o estereótipo dessas sujeitas como exclusivamente dependentes e passivas. Em *Imigração da Mulher Latina no Brasil*, percebemos que as imigrantes têm assumido um papel fundamental na reconstrução do território que as acolhe, contrariando a imagem de vítimas tão difundida na esfera pública.

Na seção *Entrevistas*, compartilhamos o diálogo estabelecido com a docente estadunidense Tanya Saunders (Universidade da Flórida) pelas militantes e pesquisadoras Sheila dos Santos Nascimento e Bárbara Elcimar dos Reis Alves, do Coletivo LGBTQSol de Jequié/BA e do Coletivo LesBiBahia de Salvador/BA, respectivamente, com contribuições do discente do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade (UFBA), Igor Leonardo de Santana Torres, e revisão de Felipe Bruno Martins Fernandes. Intitulada *Resistência Cultural, Gênero, Raça e Sexualidade em Cuba e no Brasil*, a entrevista aborda o lugar de *artistas* cubanas e brasileiras na construção da luta antirracista, antissexista e antilesbofóbica nos dois países. Conclamando a coalizão entre essas lutas nos Estados Unidos, Caribe e América Latina, a docente apresenta o caráter transnacional do feminismo negro que,



desde a sua consolidação enquanto movimento social, *não conheceu fronteiras*.

Encerrando o número, na seção *Ensaio*, Geysa Fernandes Ribeiro analisou a forma como dois importantes jornais do estado do Maranhão abordaram a violência contra as mulheres de 2013 a 2015. O texto *Mulher na Mídia: uma análise crítica das abordagens sobre casos de violência contra mulher em jornais do Maranhão* defende que a abordagem jornalística reduz a violência contra a mulher a um mero caso policial, descontextualizando o caráter sexista dos crimes.

Por fim, gostaríamos de agradecer a todas as autoras e autores que submeteram textos para a nossa avaliação, fazendo com que o processo editorial tenha sido dinâmico na conclusão desse número. Em comparação com o ano passado, tivemos um grande aumento no número de artigos submetidos, o que demonstra a adesão do campo de Estudos de Gênero e Diversidade ao projeto dessa revista. Sabemos da necessidade de qualificarmos ainda mais esse veículo de divulgação do conhecimento feminista e *queer* no Brasil para que de fato represente o estado da arte de nosso campo acadêmico, tão estruturado por nossos afetos e inquietações políticas.

Felipe Bruno Martins FERNANDES

Caterina REA

Mariângela Moreira NASCIMENTO